

**Merlí: ensinando a viver a filosofia**Thiago Barbosa Soares<sup>1</sup>

Universidade Federal do Tocantins

**Submetido em 14 de março de 2019.****Aprovado em 05 de setembro de 2019.**

É possível aprender filosofia a partir de um entretenimento contemporâneo? Se sim, Merlí é necessariamente um caso exemplar. A série intitulada Merlí, de produção de Héctor Lozano Eduard Cortés, foi inicialmente ao ar pelo canal catalão TV3 em 2015 e em 2017 ganhou o mundo com sua inserção na plataforma virtual da Netflix. Com três temporadas, a história, ambientada na Catalunha, gira em torno de um professor nada convencional de filosofia, Merlí, que faz de suas aulas no ensino médio momentos preciosos aos seus educandos por lhes permitir refletir segundo os grandes mestres do pensamento universal. As estratégias didáticas e pedagógicas desse professor não seriam as mais indicadas, por diversos motivos, se tomássemos o ensino de filosofia no Brasil (sobretudo, ao levarmos em consideração a conjuntura política de nosso país).

Ao chamar sua classe de alunos por peripatéticos e ao apresentar, ao sabor das circunstâncias, filósofos que parecem convir ao momento imediato, Merlí se apoia em uma didática absolutamente não ortodoxa e numa pedagogia totalmente circunstancial, o que, por sua vez, demonstra um alto grau de compreensão das diferentes matrizes de conhecimento e, respectivamente, de seus principais autores. Uma sequência cronológica de fatos que se sucedem a partir de uma relação histórica condicionante do conhecimento, ou melhor, da produção epistemológica do saber em hipótese alguma é respeitada ou mesmo levada em conta nas aulas desse professor singular.

Na primeira aula, a de apresentação, o que é a filosofia e a sua relação etimológica com o amor ao saber é o tópico principal; uma segunda tratar-se-á da ilusão que temos a

---

<sup>1</sup> Doutor em Linguística pela Universidade Federal de São Carlos, professor nos cursos de graduação em Letras e de pós-graduação stricto sensu em Letras da Universidade Federal do Tocantins no campus de Porto Nacional. Tem experiência na área de Linguística, com ênfase em Análise do Discurso francesa. Email: Thiago.soares@uft.edu.br.

respeito do mundo segundo a teoria das formas do grego Platão. Em outra aula na qual uma polêmica surge a respeito de um furto de prova, Merlí se vê obrigado a explicar sobre a justiça e para tanto se volta para Aristóteles para quem é possível um equilíbrio entre as forças contraditórias que agem no mundo; em outros termos, o professor aponta o praticismo aristotélico dialogando com seu finalismo, na medida em que o bom, virtuoso, é quem faz da virtude um hábito, assim, encaminhando-se para uma "vida feliz".

Para explicar o prazer, de acordo com Epicuro, Merlí faz os peripatéticos olharem mais atentamente o quanto os preceitos epicuristas estão próximos dos aristotélicos, de forma que é necessário considerar a virtude um meio. O nome dado ao estado, descreve o professor, que vem a ser a busca do *summum bonum* através do prazer em sábio repouso é hedonismo. Daí a grande confusão que ocorre, creditar ao hedonismo (*hedonê* = prazer em grego) a cruzada dos prazeres. Conclui o docente que o hedonismo epicurista tende ao bem, ao ser bom, ao bem viver, pois poucas certezas se tinham, e ainda se tem, a morte é o limite da vida, o que vem para além não se sabe. Curiosamente o próprio professor se comportava em muitos momentos da narrativa como um verdadeiro hedonista.

Para ensinar seus pupilos a se defenderem das adversidades da razão programada que lhes pudessem acometer, Merlí tirou uma aula para lhes falar sobre os sofistas; mostrou aos peripatéticos que era possível através de um método retórico construir uma verdade, ainda que essa fosse momentânea, para, a partir dela, "ter razão". Em grande medida, a sofística e seus mestres, como Protágoras, sempre foram duramente criticados pelos filósofos. O modo de permitir ao público não iniciado desenvolver uma discussão com base em princípios argumentativos foi, não se pode deixar de pontuar, a origem do ensino relativamente democrático (como o conhecemos hoje), pois os sofistas reconheciam aqueles que pagavam por suas lições, enquanto os filósofos apenas ensinavam aos poucos que poderiam atingir uma série de critérios pré-estabelecidos para fazerem parte de seu "clã".

Ao se propor a explicar a filosofia de Nietzsche, Merlí vai pelo caminho segundo o qual a moral judaico-cristã foi duramente criticada pelo filósofo alemão, em especial por esse propor a ideia de morte de Deus, que, em poucas palavras, passa a resumir o ideal existencialista até então não proposto pelo panteão de pensadores. Merlí assinala o fato de que se Deus está morto todos os homens têm responsabilidade inerente a todos os seus próprios atos e não mais o Pai é quem deve lhes zelar. Assim, é necessário um cuidado que todos tenham consigo, em outros termos, com a própria vida, portanto, a

responsabilização, nesse caso, passa a ser uma das principais características do efeito da morte de Deus. O professor catalão traz aos seus peripatéticos um grande choque, pois, sabe-se que a moral difundida praticamente no mundo todo é judaico-cristã, pregando, entre outras coisas, que existe um Deus esperando para nos julgar/punir por nossos pecados.

Merlí atravessou uma seara arenosa de grandes conceitos e variados filósofos, chegou até mesmo aos menos conhecidos, como a grega Hipárquia; passou por Sto. Agostinho, Descartes, Kant chegando a Foucault, entre outros. Todavia, o mais significativo na série talvez seja o modo como o professor chegou aos seus educandos, ou seja, não somente pela estrada do estrito conhecimento, mas pela via prática que desenvolveu com a turma e com cada um que a ele era mais próximo ou lhe permitia uma proximidade. Merlí, além de ter seu filho nessa classe, tinha um seu aprendiz, Pol Rúbio, que não era tão bom nas outras disciplinas, porém, em filosofia era, sim, o melhor aluno. Merlí como uma série televisiva lega alguns métodos ao árduo serviço de educar e permite inúmeras reflexões a esse respeito.

Entre essas, a do estatuto da própria filosofia no ensino. A que serve a filosofia? Ela é apenas um conjunto sofisticado de ideias alheias que pode auxiliar no enfrentamento dos problemas cotidianos?

No colégio bem como na universidade, ela [filosofia] se tornou basicamente uma história das ideias acompanhada de um *discurso* reflexivo crítico ou argumentativo nesse aspecto ela continuou sendo uma aprendizagem puramente "discursiva" (quer dizer da ordem exclusiva do discurso) e nesse sentido na escola artística contrariamente ao que era na Grécia antiga (FERRY, 2007, p. 89; grifos do autor).

O professor Merlí consegue pôr lições filosóficas em funcionamento no momento oportuno, como quando se propôs a ser o tutor de um aluno, Ivan, que sofria um grande terror ao sair de sua casa e lhe proporcionou uma fabulosa aula sobre o chamado mito da caverna, contido na *República* de Platão. Como se pôde perceber mais adiante pelo desenvolvimento da narrativa, Ivan consolidou o conhecimento próprio a partir das aulas privadas que recebia de seu tutor. Provavelmente ele entendeu com propriedades a seguinte passagem: "(...) é preciso que desçais, cada um por sua vez, à morada comum e vos acostumeis às trevas que aí reinam; quando vos tiverdes familiarizado com elas, vereis mil vezes melhor que os habitantes desse lugar (...)" (PLATÃO, 1999, p. 231).

É preciso, portanto, ver melhor, mesmo que para isso tenhamos que nos afundar na escuridão? Parecem existir outros caminhos. Merlí ensina aos seus alunos mais do que as alamedas ladeadas de conteúdos supostamente complexos, instrui-lhes para as provas da vida que tanto afligem a todos. A série traz mais do que um simples momento de fruição, reconfigura noções já instaladas no senso comum e lhes amplia para que seu espectador possa não só se identificar com os percalços nela narrados, como também possa encontrar na "distração" uma forma leve de conhecimento. Desse modo, o atravessamento de tantas problemáticas atemporais que se substancializam em nossa contemporaneidade, amizade, amor, homossexualidade, ensino, uso de drogas, entre outros tantos, faz desta série um entretenimento passível de transmitir lições valiosas de filosofia. Entre essas, podemos extrair uma de grande potencial explicativo, porquanto ilumina nossa responsabilidade para com a vida, qual seja, redesenhando a célebre frase de Montaigne, "filosofar é aprender a viver".

### **Referências**

FERRY, Luc. *Aprender a viver: filosofia para os novos tempos*. Trad. Véra Lucia dos Reis Editora. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.

PLATÃO. *A República*. Trad. Enrico Corvisieri. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1999.